

CARTA DE SÃO PAULO - ONLINE 13 - ANO II

Dom, 14 de Outubro de 2012 00:00



(Estação da Luz)

SEMINÁRIO - EBP-SP

SEMINÁRIO - CONSELHO DA EBP-SP

NOITE DE BIBLIOTECA

LANÇAMENTO: "O FEMININO QUE ACONTECE NO CORPO - A PRÁTICA DA PSICANÁLISE NOS CONFINS DO SIMBÓLICO"

REFLEXÕES

JORNADAS DA EBP-SP 2012

SEMINÁRIO EBP-SÃO PAULO

A EBP-SP está trabalhando nesse semestre **Silet - os Paradoxos da pulsão de Freud a Lacan**, curso oferecido por Jacques-Alain Miller em 1994/1995.

Dia 19 de Setembro, Maria Margareth Ferraz de Oliveira apresentou o capítulo 3 do Curso, "*Linguagem e Pulsão*". Na ocasião a coordenação da mesa esteve sob a responsabilidade de Maria do Carmo Dias Batista.

"E não me parece excessivo dizer que o que está em jogo na interpretação, na história da análise, sempre foi a pulsão".

(Jacques-Alain Miller)

As Atividades da EBP-SP são gratuitas e abertas aos interessados.

Endereço: Rua João Moura, 627 - Pinheiros

Fone: (011) 3081.98947

SEMINÁRIO DO CONSELHO EBP- SÃO PAULO

O Conselho da EBP-SP discute nesse ano o Seminário - Livro 10 de Jacques Lacan, "A Angústia".

Dia 26 de setembro a convidada para apresentar os capítulos XVIII e XIX foi Sandra Grostein, com a coordenação de Heloísa Prado da Silva Teles.

Dia 10 de outubro haverá novo seminário do conselho, com a apresentação de dois capítulos XX e XXI por Leny Mrech coordenada por Cássia Maria Rumeno Guardado.



"O objeto a é aquilo que falta, é não especular, não é apreensível na imagem".

As atividades do conselho da EBP-SP são gratuitas e com entrada livre.

Endereço: Rua João Moura, 627 - Pinheiros

Fone: (011) 3081.98947

BIBLIOTECA

**NOITE DE BIBLIOTECA
LANÇAMENTO**

O FEMININO QUE ACONTECE NO CORPO - A PRÁTICA DA PSICANÁLISE NOS CONFINES DO SIMBÓLICO

Maria Bernadette Soares de Sant'Ana Pitteri

A EBP-SP, no dia 3 de outubro de 2012, em sua Noite de Biblioteca fez o lançamento do livro publicado pela EBP, não só como preparação para o Encontro Brasileiro do Campo Freudiano, que este ano acontecerá em Salvador, mas principalmente como oportunidade de reflexão sobre a psicanálise nos tempos atuais *O Feminino que acontece no corpo*. Como diz Ondina Machado na apresentação, "*vivemos num mundo aparentemente aberto às diferenças, mas no qual é possível detectar a presença do supereu pairando sobre essa liberalidade*". Não se trata do supereu freudiano, que resulta da dissolução do Complexo de Édipo e tinha em seu horizonte o ideal parental, mas trata-se agora do supereu feroz do Outro anônimo. Fala-se que estamos na época do "Outro que não existe", mas sentimos sua presença esmagadora, o Outro não existe como alteridade, "*porque é puro imperativo*".

Os textos que compõem o livro trazem considerações teóricas e clínicas sobre como o imperativo superegótico atua na cultura e na particularidade de cada caso.

O primeiro texto do livro é de Freud, a Conferência 33 "*Feminilidade*", de 1933, com uma nova tradução feita como trabalho de cartel. Esse texto foi resenhado por Carmen Cervelatti e encontra-se no Boletim "Mundo da Lua nº 0", no site da EBP-SP.

O segundo texto do livro "*Mulheres e Semblantes*" de Jacques-Alain Miller, também recebeu nova tradução do curso publicado em espanhol "*De la Naturaleza de los Semblantes*".

Nesse texto, Miller se pergunta da afinidade especial entre mulheres e semblantes, defendendo a tese de que, nas mulheres, o que se observa é um ódio muito especial ao semblante, arriscando-se a falar de um "cinismo feminino" por causa desse ódio. Trata-se de um texto delicioso no qual Miller explora "Zazie no metrô" de Raymond Queneau.

A "Noite de Biblioteca" dedicou-se especialmente, ao texto de Maria Cecília Galetti Ferreti "*Corpo afetado, acontecimento de corpo e semblante*", que explora de modo perspicaz a substância gozante de que fala Lacan, buscando referência em Aristóteles.

O debate, muito animado, foi conduzido por Cássia Maria Rumeno Guardado.



PUBLICAÇÕES ONLINE DA EBP

No site da EBP-SP podem ser encontradas as publicações digitais do Campo Freudiano no Brasil: Biblioteca > Links > Publicações online do Campo Freudiano e vá ao link desejado.

Opções:

Opção Lacaniana Online - Revista Brasileira Internacional de Psicanálise

Latusa Digital - Revista digital da EBP-Rio

Agente Digital - Revista digital da EBP-Bahia

MOTe Digital - Revista digital da Delegação RN

Almanaque On-line - Revista digital do IPSM-MG

CSP-ONLINE - Revista digital da EBP-SP

OUTRAS PUBLICAÇÕES DO CAMPO FREUDIANO

Entre no Site - www.ebpsp.org.br - >Biblioteca >Links > Publicações online do Campo Freudiano: acesse os Links das publicações do Campo Freudiano disponíveis.

REFLEXÕES

"O Feminino e essas místicas sem Deus"**Maria Marta Rodrigues Ferreira**

Medéia, mata os filhos.

Madeleine destrói as cartas.

Maria V., depois de destruir “as preciosidades” do marido, tenta autodestruir-se.

Marguerite Duras escreve.

Mulheres às voltas com amores incomuns, umas enlouquecem e passam ao ato, outra faz arte.

Uma saída para o arrebatamento que transcende a existência de Deus. Os costumes amorosos mudam, mas algo do gozo permanece irreduzível, levando a autora Márcia Rosa a articular o “heroísmo sublimatório amoroso” a uma transgressão que através da arte recupera “algo do gozo”, apontando para a saída de Marguerite Duras que, ao criar uma escritura para o uso do inconsciente, revela para Lacan o enlaçamento de um terceiro - uma cifra - ao arrebatado ou arrebatador, possibilitando ao analista localizar a angústia de morte ou o modo de gozo através dessa cifra.

Para Lacan (1965), o deslumbramento fixa uma imagem de uma ferida, de uma figura exilada das coisas e do próprio corpo. O personagem Lol V. Stein, de Duras, é utilizado para exemplificar como um terceiro pode introduzir um deslumbramento, pensado como sinônimo de arrebatamento, um terceiro que está longe de ser um terceiro excluído.

Marguerite Duras ao obter como consequência da “*tensão entre o sujeito e a Coisa a vir*” uma escrita, acaba por representar o irrepresentável, nomeia e com isso transmite algo.

Márcia Rosa evoca assim, quatro termos como categorias modais: o possível, o necessário, o contingente e o impossível, favoráveis à construção da lógica singular da vida amorosa de cada sujeito e que possibilitaria uma ultrapassagem do impedimento amoroso.

Referências

ROSA, Márcia. O Feminino e essas místicas sem Deus. In: *O Feminino que acontece no corpo: a prática da psicanálise nos confins do simbólico*. (Org.) Belo Horizonte. Scriptum Livros, 2012. Pg. 157-163.

Lacan, J. (1965). Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein, In: Lacan, J. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

"Musas híbridas"**Rosângela A. dos Santos**

A autora afirma que a prática analítica não tem como objetivo promover a identificação nem à época e nem ao gênero, mas sim, ao sintoma que se relaciona ao gozo feminino como acontecimento do corpo.

Ela aborda as musas – objetos causa do saber das letras, das ciências e das artes, pois tanto a sua presença como ausência são experimentadas como acontecimento do corpo. A ausência das musas se transforma em página em branco, partitura muda, tela vazia.

Nos tempos em que o saber dirigia a vida dos homens, a suposição de saber que a palavra poética gerava era eficaz, Minemosine e sua corte de filhas alimentavam de desejo de saber os mestres da verdade, os profetas, os reis de justiça, os artistas, figuras de um Outro que pode vir a saber o que há que saber, de revelar o que se oculta, de contrariar o esquecimento, nome próprio da ignorância.

As musas são figurações ficcionais do parceiro inumano, totalmente arbitrarias e caprichosas: Clio, o gozo da rememoração épica; Calíope, da eloquência, mãe de Orfeu; Érato, da poesia lírica e do canto coral; Euterpe, da dança e da poesia amorosa; Melpômene, da tragédia; Polímnia, das músicas de bodas e funerais; Terpsícore, o gozo da dança; Tália, da comédia e abundância; Urânia, da astronomia, gozo celestial. O poeta precisa do canal, da musa, para compor qualquer coisa que mereça ser chamada de criação autêntica.

Fora do Olimpo, a musa inspiradora revela sua natureza híbrida, ponto central do texto que permite situar a vacilação propriamente feminina no que se refere ao gozo, à sexualização, à filiação, à vida e à morte. As histórias sobre a vida das musas, uma a uma, vão da devastação ao arrebatamento. Existe um vínculo entre as musas e a devastação feminina. As musas portadoras da cultura podem ou não comparecer, entregar ou não o néctar inspirador, são chamadas a se fazer presentes quando a ordem simbólica entra em colapso, quando o autor nada na impotência, e elas, assim como o analista, dependem do *nãotodo*.

Num tempo em que se exerce o sadismo sobre universitários e investigadores e aumentam as paixões tristes – inquietudes, perda da estima de si, depressão, os analistas são chamados a intervir. A autora resgata de Jacques Alain Miller o diagnóstico mais atual: O *nãotodo* toma à frente do todo, tornando o mundo mais decifrável, o que anuncia a feminização do mundo e o auge dos valores femininos: compaixão, promoção da atitude da escuta, política da proximidade. Musas de efeitos mitigantes sobre as penas.

Referências

ANTELO, Marcelo. Musas híbridas. In: *O Feminino que acontece no corpo: a prática da psicanálise nos confins do simbólico*. (Org.) Belo Horizonte. Scriptum Livros, 2012. Pg. 165–174.

"Uma garotinha modelo"**Cássia Gonçalves Gindro**

A psicanálise lacaniana visa o real. A partir desta orientação, Sônia Chiriaco, em seu texto “Uma Garotinha Modelo”, irá trabalhar todo o percurso de uma análise, indo da demanda de sentido ao “ultra-passe”.

Através do caso clínico "Camille", a autora nos aponta que desde Freud até o ensino de Lacan (principalmente o seu último ensino) uma análise se tece com dois fios: o do sentido e o do fora de sentido. Estes dois fios podemos situá-los a partir da referência fálica: o gozo que se refere ao falo, ao Édipo e o gozo que não se refere a ele: esse Outro gozo, o gozo feminino.

No transcorrer desta análise, haverá a extração do significante modelo prenhe de gozo, que pela equivocidade incluída neste significante, algo irá ressoar no corpo, revelando que a paciente goza em sua própria inércia. O olhar funciona para ela como uma placa giratória, um laço entre o gozo fálico e o Outro gozo.

Se o dispositivo analítico não é apenas um subterfúgio, onde se busca dar sentido ao fora de sentido do sintoma, é porque ele alcança, pelos limites da associação livre, o Real do gozo em jogo.

Portanto, é dos fios emaranhados do sentido e do gozo, que uma análise se ocupará ao desenredá-los, se tecerá e se construirá.

Referências

CHIRIACO, Sonia. Uma garotinha modelo. In: *O Feminino que acontece no corpo: a prática da psicanálise nos confins do simbólico*. (Org.) Belo Horizonte. Scriptum Livros, 2012. Pg. 185-195.

“Crer em Fulana”**Eduardo Benedicto**

“Amar uma mulher sem compreender”. Foi com esse enunciado-passe – passema - articulado ao seu avesso topológico: “Compreender o pai sem amá-lo” que Sérgio de Campos terminou sua análise. Em seu texto: “Crer em Fulana”, presente no livro de nosso próximo Encontro Brasileiro, ele destaca pontos de sua análise que, entrelaçados a conceitos psicanalíticos freudo-lacanianos, faz de seu texto uma instigante contribuição ao tema do Feminino que acontece no corpo, e está sempre presente na prática psicanalítica, ainda mais nos confins do simbólico! Trata-se de uma extração (um grão, diz ele) feita ao longo de sua análise em que, ao final, mais além do pai, o falasser deixa de estar submetido ao ideal e se encontra com a diferença, absoluta, consentindo em amar sem compreender a mulher.

Servindo-se deste encontro, o analista-analisante ultrapassa seus próprios limites pois, como nos diz Sérgio, apoiado em Lacan e em sua análise: “(...) *em virtude de sua diversidade, a mulher, ao ultrapassar os limites do homem, faz com que ele amplie seus horizontes*”. Sérgio apresenta-nos como é possível fazer uso, apoiar-se em seu sintoma para amar a mulher como Outra, o que o leva à experiência inédita e inventiva de viver com uma mulher “*junto e separado*”. Trata-se então, diz ele, de “*Confiar no real*” e, sendo a mulher um dos nomes do real e diante da impossibilidade de compreender a quem se ama, há que se crer na amada e no amor, fazendo suplência à relação sexual que não existe.

Referências

CAMPOS, Sérgio de. Crer em fulana. In: *O Feminino que acontece no corpo: a prática da psicanálise nos confins do simbólico*. (Org.) Belo Horizonte. Scriptum Livros, 2012. Pg. 203-209.

"Mulheres e semblantes" (1)

Mônica Bueno de Camargo

Esse texto é uma transcrição de duas aulas do curso do Miller de 1992, onde ele aborda a relação das mulheres com os semblantes, passando por diversos temas: cinismo feminino, sublimação, cultura, gozo, mulher verdadeira, posição do analista, passe. A atualidade desse tema, principalmente no que concerne ao gozo feminino, faz com que retornemos a essas aulas, pois o caminho que Miller constrói nos aproxima do mesmo.

Destaco alguns desenvolvimentos:

No início do texto Miller afirma que “*a posição feminina incluiria certa ‘intuição...de que o real escapa à ordem simbólica, o que aproximaria essa posição à do analista*”. As mulheres seriam mais “*amigas do real*” afirma logo mais. Esse ponto importa na relação das mulheres com o semblante, podendo haver maior fluidez.

Miller traz a personagem Zazie da novela de Raymond Queneau para falar de uma certa posição que pode ser nomeada de cinismo feminino. Ele considera Zazie uma máquina de perfurar semblantes, que mostra “*o estatuto de semblante de tudo o que ocupa as pessoas que a rodeiam, especialmente as masculinas*”. (2) Mas isso também é feito por meio do semblante. O que se opõe aos semblantes é o real do gozo. Assim, aproxima a sublimação e a cultura, com seus produtos, do masculino e o real do gozo, do feminino. Traz uma citação de Freud onde ele afirma que a civilização está do lado masculino, enquanto as mulheres fracassam na sublimação pulsional. O que Freud traz como substituição do Eros pela civilização, Lacan vai traduzir como o Nome-do-pai, afirma Miller. “*Que o Nome-do-pai seja um fato de sublimação já indica que ele é um semblante e que a civilização se sustenta por semblantes*” (3).

NP/DM - Civilização/Eros

A mulher não existe. Isso “*não significa que o lugar da mulher não exista, mas que esse lugar permanece essencialmente vazio... Nesse lugar se encontram somente máscaras; máscaras do nada*”. O semblante tem a função de velar o nada. Nesse sentido “*chamamos de mulheres esses sujeitos que têm uma relação essencial com o nada*”, a ponto de a clínica feminina ter suas portas abertas pela subjetivação do não ter, a partir do menos. É uma clínica onde nos deparamos com a falta de identidade, falta de consistência. As soluções encontram-se do lado do ter ou do ser (o falo). Aquelas do lado do ser se aproximam mais do nada, soluções que não tapam o buraco, o dialetizam, fabricam um ser com o nada.

A verdadeira mulher é uma posição que não se mantém, é momentânea. Ela atua com o menos e não com o mais, explora uma zona desconhecida, ultrapassa os limites, explora uma região sem marcos, mais além das fronteiras. O exemplo que Miller nos traz é o de Medeia: sacrifica o que tem de mais precioso para abrir no homem um buraco que não poderá ser preenchido.

Há uma afirmação fundamental: “*A partir da sexualidade feminina, e somente dela, foi possível localizar o gozo propriamente dito na medida em que ultrapassa o falo e todo o significante*” (4). É um gozo que está mais além do falo. É silencioso.

Muito se tem discutido sobre o gozo feminino. Na sociedade de hoje há uma tendência à feminização, alimentando nossa atual questão sobre a generalização do gozo feminino nos tempos de declínio do pai. O gozo como tal está mais visível nos sintomas contemporâneos, desarticulado do Édipo, com sua face de ilimitado, mais próximo ao corpo. Saber fazer com ele é uma questão fundamental implicada no sintoma.

Esses pontos rapidamente levantados demonstram a pertinência e atualidade dessa discussão.

Referências

(1) Miller, J.-A. Mulheres e semblantes. In: *O feminino que acontece no corpo: a prática da psicanálise nos confins do simbólico*. (Org.) Belo Horizonte. Scriptum Livros, 2012. Pg.49-89.

(2) Idem, ibid., pg.53.

(3) Idem, ibid., pg.60.

(4) Idem, ibid., pg. 75.

INTERCÂMBIO E CARTÉIS

CARTÉIS

Lacan propôs os cartéis para levar adiante um trabalho de elaboração sustentada daqueles que desejassem, trabalhando com outros, implementar uma aproximação mais decidida em relação à Psicanálise, em relação à Escola.

Quatro se escolhem, para prosseguir um trabalho que deve ter um produto próprio. Produto próprio de cada um e não coletivo. A conjunção dos quatro se faz ao redor do Mais-Um, que embora possa ser qualquer um, deve ser alguém. Ele tem que velar pelos efeitos internos da empresa e provocar a elaboração dos trabalhos. (J. Lacan)

O Cartel é um grupo de trabalho que se coloca como um órgão base da Escola. Ele é a porta de entrada dos participantes em relação à Escola.

ECOS DO MUNDO

Lacan Cotidiano, a publicação diária da Orientação Lacaniana, voltou das férias!

Já temos algumas traduções feitas por psicanalistas brasileiros sob a coordenação de Maria do Carmo Dias Batista e que podem ser encontradas no Blog da Seção São Paulo Blog: www.ebp-sp.blogspot.com.

Um excelente artigo foi publicado no nº 232, criticando o uso indiscriminado da Ritalina nos EEUU.

Aqueles que desejarem ler no original francês entrem no site <http://www.lacanquotidien.fr/blog/>

TERRA DE SANTA CRUZ

O **XIX Encontro Brasileiro do Campo Freudiano** será em Salvador, na Bahia, nos dias 23 e 24 de novembro de 2012. O Boletim "Outras Palavras" está sendo publicado regularmente em nosso Blog: . www.ebp-sp.blogspot.com.

SÃO PAULO DE PIRATININGA

Jornadas da EBP-SP 2012
19 e 20 de Outubro
SEXTA-FEIRA - das 15h00 às 20h30
SÁBADO - 9:30 às 19h
Convidada: Flory Kruger – AME da EOL e AMP
Hotel Transamérica - Alameda Santos, 981 – Jardins – São Paulo

Flory Kruger vai proferir dois seminários e teremos três Plenárias:

- (1) O que esperar de um analista?
- (2) Lacan Marx e a invenção do sintoma e
- (3) ...mulher, loucura.

As Mesas Simultâneas acolhem os trabalhos e promovem o debate.

mulher, analista, loucura: invenções do sintoma

Maria do Carmo Dias Batista

Lacan, desde o começo de seu ensino, atribui a Marx a invenção do sintoma. São várias as referências em diferentes Escritos e Seminários. Ele estabelece, em 1946 (1) , a série Marx, Sócrates, Descartes e Freud, como aqueles que não podem ser superados, na medida em que conduziram suas investigações com a paixão de desvelar que tem um objeto: a verdade. Assim, mais uma vez enfatizou, sobretudo a partir de Freud, a ligação entre sintoma e verdade.

O tema das **Jornadas da EBP-SP - 2012**, convida a trabalhar sobre invenções do sintoma em nossos dias, **mulher, analista, loucura**, em sua articulação com a verdade, o saber e o discurso capitalista.

Como estaria hoje, em plena vigência do discurso capitalista – ou até em sua radicalização – o estatuto da verdade?

Mulher e verdade têm, no discurso histórico, muita proximidade. Ela crê no semi-dizer, sabe do não-todo da verdade, colocando, então, em seu discurso, o objeto *a* no lugar da verdade. Há como que uma voracidade de verdade na histórica, sempre para, depois de devorar a verdade no Outro, demonstrar sua debilidade. Fora desse discurso, seria possível atribuir alguma verdade à mulher? Não estaria ela mais vinculada à mentira, verdade absoluta?

No caso do analista, a noção de semblante teria colocado a verdade fora da experiência analítica?

E loucura, a que mais demonstra a existência do Real e do Um, teria alguma relação com a verdade?

Os sintomas atribuídos à atual predominância do discurso capitalista, onde o mais-de-gozar impera (o objeto *a* eleva-se ao zênite, conforme esclareceu Jacques-Alain Miller)(2) , que valor dão à verdade? Têm com ela alguma articulação?

Na contraposição com o saber, tenhamos presente que o princípio do discurso do analista é o de privilegiar um certo saber ($a/S_2 \rightarrow \$/S_1$) que se esclarece na articulação da verdade com o saber (3). A verdade mentirosa, posição da verdade no ultimíssimo ensino de Lacan, começa aqui a encontrar sua articulação.

Comissão Científica

Angelina Harari, Cássia Maria Rumenos Guardado, Heloisa Prado da Silva Telles, Leny Mrech, Luiz Fernando Carrijo da Cunha, Maria Cecília Galletti Ferretti, Maria do Carmo Dias Batista (Coordenadora), Maria Josefina Sota Fuentes, Marizilda Paulino, Rômulo Ferreira da Silva e Sandra Arruda Grostein.

Referências

1. Lacan, J. *Formulações sobre a causalidade psíquica*. Escritos. RJ: Zahar, 1998. p. 194.
2. Miller, J.-A. *Uma fantasia*. Conferência pronunciada no Congresso da AMP de Comandatuba. Opção Lacaniana n. 42. São Paulo, p. 7.
3. Lacan, J. O Seminário – livro 18. *De um discurso que não fosse semblante*. RJ: Zahar, 2009. p. 153

ENSINO DE LACAN

"... a imagem do corpo não é um objeto, como nem mesmo poderia se tornar um objeto.
Esta observação, muito simples, ... vai lhes permitir situar exatamente o estatuto da imagem do corpo com referência a outras formações imaginárias."

Jacques Lacan

(Seminário 4 - A Relação de Objeto)

MÍDIAS



Facebook - Escola Psicanálise EBP SP com 4912 amigos

Siga-nos do **Twitter** - @ebp_sp

Blog - ebp-sp.blogspot.com, 22.012 visualizações

Site - www.ebpsp.org.br

Editora: Bernadette Pitteri

Revisora: Silvia Sato

Montagem: Maria Marta Ferreira

Diretoria da EBP-SP

Diretor Geral:

Luiz Fernando Carrijo da Cunha

Diretora Secretária-Tesoureira:

Maria do Carmo Dias Batista

Diretora de Intercâmbio e Cartéis:

Maria Margareth Ferraz de Oliveira

Diretora de Biblioteca:

Maria Bernadette Soares de Sant'Ana Pitteri

EBP-SP

Rua João Moura, 627 cj. 193
CEP 05412-001 - São Paulo - SP

Telefone: 11 3081 8947

Fax: 11 3063 1626

e-mail: ebpsp@ebpsp.org.br

www.ebpsp.org.br

Blog: <http://www.ebp-sp.blogspot.com>